

Catequese I

Introdução

Ser discípulo é oferecer a nossa juventude

Jesus chama os discípulos para andarem com Ele e para, formados, entusiasmados e alegres, com o coração cheio de amor pela missão, os enviar ao mundo a anunciar a Boa Nova do Reino. É a missão que Jesus recebeu do Pai, que realiza enquanto está entre os Seus e que transmite a todos os amigos: “Ide e fazei discípulos em todas as nações”.

Ao longo dos tempos e na sequência dos discípulos que, como Paulo, percorreram o mundo conhecido, muitos têm-se apaixonado por Jesus Cristo e pela Sua missão. Tantos e tantas – sacerdotes, religiosos, leigos, adultos e jovens – foram dizendo “Sim, enviai-me” e, de vários modos, participaram na missão.

Quem aceita o chamamento de Jesus para andar com Ele, fazendo uma experiência de Fé, recebe a missão que consiste, sempre, no envio ao mundo onde vivem aqueles que o Senhor quer evangelizar. Quem se deixa evangelizar pela mensagem de Jesus e quem se entrega ao Seu amor, percebe o centro da missão e arde de amor pelo envio a todos. Chiara Luce Badano é a expressão desta catequese. Quer ser uma referência para ti. Ela entregou-se a Deus e à Igreja, como amor, para ser a missionária da mensagem tornada Pessoa em Jesus Cristo.

Ter Jesus como Amigo e Mestre; ter a mensagem de Jesus no coração; oferecer a nossa juventude; ter o coração no mundo – caminho do discípulo que vive a experiência da Fé e que aceita ser enviado a fazer discípulos. Repara, caríssimo jovem, repara à tua volta, na escola, na cidade, no lugar, no teu grupo de amigos e, se fores como Chiara, muitos se encontrarão com o Senhor Jesus e se tornarão seguidores do Amor, dando esperança e sentido novo à sua vida.

Se tu fores um apaixonado discípulo de Jesus, muitos teus colegas te seguirão e sentirão a mesma alegria e a Festa não terá fronteiras...

D. Ilídio Leandro, Bispo de Viseu e membro da CELF

Chiara Luce Badano

Ser discípulo é oferecer a nossa juventude

É conhecido o episódio em que a então pequena *Chiaretta*, ao convite da mãe a partilhar com outros meninos alguns dos muitos brinquedos que possuía (como filha única e há tanto por tantos esperada) começa por pronunciar um rotundo “não: são meus!”. Mas, como haverá de o reconhecer na parábola do Evangelho (dos dois filhos convidados pelo pai a trabalhar na vinha), também ela acaba por pedir um saco e interromper o silêncio do seu quarto com um repetido “este sim, aquele não...”. A surpresa da mãe foi a entrega não de um saco com brinquedos mas dos seus melhores brinquedos, resultantes daquela escolha e que imediatamente esclarece: “aos meninos pobres não se podem dar coisas estragadas”!

Esse pequeno episódio ajuda-nos a perceber como a *oferta da juventude* de Chiara é a de toda a Vida que, na juventude, particularmente brilha.

Começamos então por essa **maior oferta**: a da própria vida, na sua totalidade, também na dor e na doença. Uma oferta assim não se improvisa mas prepara-se e exercita-se, passo a passo, em cada etapa, transformada e iluminada pela oferta primeira de Deus por cada um. Foi essa oferta – que é também escolha – de Deus por ela (por cada um) que Chiara transformou a sua vida em dádiva de si mesma.

Em todo o seu percurso, totalmente *jovem* mas particularmente **na última etapa** da extraordinária aventura que foi (e é) a sua vida, Chiara Luce Badano poderá ter muito a ensinar-nos.

Numa das suas últimas cartas, um mês antes da sua *última viagem* (bem *perto* de nós, em 1990) escrevia a dois amigos, depois de lhes ter agradecido todo o amor concreto que lhe tinham manifestado: “... queria pedir-vos um favor (não sei se vou conseguir fazer-me entender completamente): não queria nada que me pusessem num pedestal! (...) Jesus permitiu esta prova mas é mérito Seu o facto de eu conseguir aceitá-la (...) De meu há mesmo muito pouco. E vocês não pensem que são demasiado ‘pequenos’, porque não o são!”

E reportando-se a um telefonema sublinha o que lhe tinha sido dito a propósito de ela se confessar não se sentir “à altura” e que tanto lhe tinha tocado: “é Ele quem nos eleva até à Sua altura. Não temos que nos preocupar. O importante é dizermos o nosso sim no momento presente”¹

1. Nestes momentos *últimos* que sintetizam toda uma vida (mesmo se “exteriormente” breve: nasceu em 1971) **dois elementos** se podem desde já sublinhar na tentativa de percebermos melhor a *escolha de vida* de Chiara, como *oferta*. Por um lado a consciência clara de que **a primeira escolha** (primeira *oferta*) **é a de Deus por nós**: é Ele que *permite*, *é mérito* Seu a aceitação, é Ele quem nos *eleva*. E, simultaneamente a

¹ Michele Zanzucchi, *Chiara Luce*, Cidade Nova 2010, p. 144

certeza de que **cada nossa resposta – cada nosso sim – o damos em cada momento presente!**

2. Algum tempo antes, quando por consequência do avançar da doença e dos necessários tratamentos, tinha perdido a possibilidade de andar, comentava: **“Se eu tivesse que escolher** entre começar a andar ou ir para o Paraíso, escolheria, sem hesitar, ir para o Paraíso. A este ponto é a única coisa que me interessa... Mas procuro não dizer isto, para não pensarem que eu me quero ir embora para não sofrer mais. Não é bem assim. **Eu quero é ir ter com Jesus”**²

3. **Diversas foram as vias** percorridas para chegar a esta *paixão*, que foi também a primeira e fundamental *escolha*. Mas **a Palavra**, a Palavra de Deus viva e, particularmente o Evangelho teve um papel muito importante no caminho de Chiara. E assim, ainda aos onze anos, se lhe refere, em carta, a propósito de um encontro em que tinha participado e em que o Evangelho tinha sido a sua principal descoberta e de uma forma completamente nova: “Percebi que não era uma cristã autêntica porque não o vivia até às últimas consequências. Agora **quero fazer desse magnífico livro o único objetivo da minha vida**. Não quero e não posso continuar analfabeta de uma mensagem tão extraordinária. Como para mim foi fácil aprender o alfabeto, também deve ser fácil viver o Evangelho. Descobri aquela frase que diz “Dai e ser-vos-á dado”. Tenho que aprender a ter mais confiança em Jesus, a acreditar no seu imenso amor. Obrigado por esta grande dádiva, que todos os dias descubro de uma forma nova”³

Não era, no entanto uma escolha sentimental ou de um único momento: passa mesmo a escrever, à noite, antes de adormecer, alguns episódios muito simples da sua vida, pequenos relatos daquilo que, Palavra a Palavra, conseguia pôr em prática no seu quotidiano para depois melhor poder partilhar com as suas *companheiras de aventura*. Num deles conta: “Uma colega adoeceu com escarlatina, e toda a gente tem medo e a ir visitar. De acordo com os meus pais, pensei em levar-lhe os trabalhos de casa, para ela não se sentir sozinha. Acho que mais do que sentir medo, o importante é amar!”⁴ Noutra ocasião relata: “Tenho uma avó paralítica e, por obrigação, vou visitá-la. Mas não vou com muita frequência. Um dia fiz o propósito de a ir visitar mais vezes. E assim fiz. Todos os dias, depois das aulas, ia visitá-la. Quando estava a subir as escadas, estava cansada e disse: “Por ti, Jesus”. A minha avó ficava muito contente de me ver e agradecia-me sempre. Quando eu voltava para casa, sentia uma alegria enorme e então percebi que, se não tivesse ido, não teria sentido tanta alegria!!”⁵

4. E assim pelo caminho, vivido, das Suas palavras, chega ao conhecimento sempre mais profundo de Jesus e de **Jesus como Palavra totalmente desdobrada e contendo em si todas as Palavras**: na cruz quando grita “Meu Deus, Meu Deus por que me abandonaste?”. **Jesus Abandonado** é, na *espiritualidade da unidade*, que segue, o modelo do amor máximo, de como se deve enfrentar o sofrimento e de como se

² Ibid., p. 63

³ Ibid., pp. 35, 36

⁴ Ibid., pp. 32-33

⁵ Ibid. p. 131

constrói a unidade em circunstâncias de divisão. Ainda em 1983 escreve à outra Chiara (a Lubich, fundadora e Presidente do Movimento dos Focolares, onde aprende e vive estes *passos de escolha e oferta*): “Descobri Jesus Abandonado de um modo especial e senti-O em cada próximo que passava ao meu lado. Este ano estou disposta a reconhecer em Jesus Abandonado o meu Esposo, a recebê-lo com alegria e, principalmente, com todo o amor possível!” E poucos meses mais tarde, a partir de um outro encontro: “A realidade mais importante para mim (...) foi a descoberta de Jesus Abandonado. Antes, eu vivia-O de uma forma superficial, e aceitava-O para depois encontrar a alegria. Neste congresso, percebi que estava a fazer tudo errado. Não devia manipulá-Lo mas amá-Lo. Só isso. Descobri que Jesus Abandonado é a chave da união da unidade com Deus e quero escolhê-Lo como o meu primeiro Esposo e preparar-me para quando Ele vier. Dar preferência a Ele! Compreendi que O posso encontrar nas pessoas distantes de Deus, nos ateus, e que devo amá-los de um modo muito especial, sem ser interesseira”⁶

Michele Zanzucchi, um dos seus biógrafos (e que aqui seguimos mais de perto) comenta assim esta *escolha fundamental* de Chiara: “Jesus Abandonado é um dos alicerces da *Espiritualidade da Unidade*. É o desejo de reviver o momento em que Jesus mais sofreu, quando gritou na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. É ali que está a chave da unidade entre os homens na Terra e também entre a Terra e o Céu. Ali está a síntese da paixão e da morte de Jesus, e o segredo da sua ressurreição. E Chiara aos doze anos, acertou em cheio no mistério do cristianismo”⁷

5. Não é difícil assim perceber como toda a breve vida de Chiara grita um único *tudo*: Deus! Junta-se a quantos no mundo não se põem a si mesmos, nem ao trabalho, nem ao estudo em primeiro lugar mas só a Deus. E a partir dessa primeira e fundamental escolha são capazes de perceber melhor e melhor atuar todas **as outras escolhas**.

Assim o fez claramente... Chiara! Desde pequena que predileção sua eram os mais pobres, débeis, excluídos: da sua própria casa (a alegria que sentia por poder ajudar e fazer companhia aos avós, idosos) e da sua amada Sassello à escola, primeiro da sua aldeia e, depois da cidade de Savona.

E à medida que o círculo se ia alargando também o seu coração se dilatava na medida sem medida do de Jesus, não se limitando à predileção pelos excluídos de bens materiais ou de afetos mas preferindo também os ateus e os não crentes. Sabia instaurar com eles um diálogo profundo com extraordinária delicadeza e sem nunca transmitir a impressão de os querer convencer do que quer que fosse. Entre eles estava Amoretti, professor de literatura. Visitando-a, fica profundamente tocado e mesmo perturbado a ponto mesmo de afirmar: “Admirei nela a capacidade de viver o mistério, o sentido último, com naturalidade. Gostaria de dizer que talvez ela estivesse dentro das próprias respostas que nós procurávamos”⁸

6. A brevidade do percurso de Chiara não a fez escolher propriamente uma *vocação* – como modo de oferta da sua vida - mas o tempo em que fisicamente viveu foi o suficiente para manifestar, nas palavras e sobretudo nos gestos, **a clareza da sua escolha de Deus como Ideal, seu único tudo**, a quem tudo e toda se oferecia. E essa

⁶ Ibid., pp. 33-34

⁷ Ibid., p. 34

⁸ Cf. Franz Coriasco, *Dai tetti in giù – Chiara Luce Badano raccontata dal basso*, Città Nuova, 2010, p. 78

disponibilidade preparava-a serenamente para o que lhe viria a ser pedido ou significado.

A ânsia de um *mundo unido* que acreditava ser possível e que de alguma forma trazia dentro de si, fê-la sonhar ser hospedeira. Mas também poder vir a fazer Medicina e tornar-se pediatra, pensando sobretudo nas crianças do Terceiro Mundo.

Era uma paixão – essa pelas mais pobres - que desde bem cedo cultivou e que exprimiu na partilha de bens, desde o próprio relógio de pulso, mais do que uma vez dado, ao dinheiro que lhe tinha sido oferecido e que ela entregou a um amigo seu que se empenhava na abertura de poços em África, dando assim origem a iniciativas naquele continente que ainda hoje têm o seu nome e inspiração. Porque tudo percebia como *oferta de Deus* (que nos confia também os bens como a *administradores do Seu capital*) que assim só existe se for oferta nossa a Ele e pelos outros!

Sonhava também com uma família e chega a dar alguns primeiros passos de um **namoro** que não haveria de prosseguir. O rapaz chamava-se Luca, habitava na mesma aldeia onde tinha a fama de ser o *bonitão*, e tinha a sua mesma idade. A breve história tem altos e baixos também porque a beleza que interessa verdadeiramente a Chiara é a interior. A provocação de uma cena de ciúmes fá-la pensar quão diferente fosse a escala de valores dos dois e a própria visão de vida. Chiara não consegue pensar num relacionamento que, pelo menos potencialmente os encaminhasse para o matrimónio e assume a rutura e de forma que partilha com uma amiga a quem escreve: “Continuamos muito amigos... Mas fiquei contente por ter acabado, porque, sobretudo agora sinto, mais profundamente a importância de uma amizade verdadeira!”⁹

7. Um tal *exercício quotidiano* (o exercício do reconhecimento da proposta de Deus para a sua vida e da possibilidade da sua resposta) preparou-a – e de que maneira – para **manter viva até ao fim e, sobretudo na prova da doença, a oferta de tudo a Deus, caminho que havia antes empreendido**. Não sem se perguntar, como o faz, a poucos meses da sua *partida*, em carta que dirige a Chiara Lubich na sequência da visita da mãe de Carlo Grisolia, um outro jovem dos Focolares falecido poucos meses antes: “... será que também eu vou conseguir ser fiel a Jesus Abandonado e viver para O encontrar como o fez o Carlo? Sinto-me tão pequena e o caminho a percorrer é tão árduo... Muitas vezes sinto-me esmagada pela dor. Mas é o Esposo que vem ao meu encontro, não é? Sim, eu também digo juntamente contigo: **“Se é isso que queres, Jesus, também eu quero”!**¹⁰

Serão assim tantos os **momentos** em que como que **atualizará esta escolha de Deus por ela e sua por Deus**. Mas há um momento significativo e que parece mesmo decisivo tal como a mãe, Maria Teresa o conta (e o *dvd-documentário*¹¹ ilustra de forma muito bela): “Há já algum tempo que ela tinha percebido que a situação ia de mal a pior e que era portadora de um verdadeiro cancro. Entretanto manteve intacta a esperança de ficar curada. Alguns dias depois da cirurgia, perguntou diretamente ao médico qual era o verdadeiro diagnóstico. Assim ficou a saber a verdade sobre a sua doença, e também que iria perder os cabelos por causa da quimioterapia. Talvez tenha sido esse pormenor que a fez compreender a gravidade da doença: de facto, ela dava muita importância aos seus cabelos. Estávamos em Turim, na casa de amigos (...).

⁹ M. Zanzucchi, *ibid.*, p. 134

¹⁰ *ibid.*, p. 72

¹¹ Chiara Luce Badano – *uno splendido disegno*, Città Nuova 2010.

Ainda a estou a ver a chegar ao jardim, enrolada no seu casaco verde. Tinha o olhar fixo no chão. Aproximou-se, parecia ausente e entrou em casa. Perguntei-lhe como é que tinha corrido. E ela: “Agora, não! Não me digas nada, agora!” Atirou-se de bruços para a cama, com os olhos fechados. Ficou assim durante vinte e cinco minutos. Senti-me a morrer mas o único modo de estar ao lado dela naquele momento era ficar calada, sofrer com ela. Era uma batalha, aquela que Chiara estava a travar. Depois, ela virou-se e disse-me a sorrir: ‘Agora, podes falar’. Conseguiu! Disse novamente o seu sim. E nunca mais voltou atrás!”¹²

Franz Coriasco, irmão da sua melhor amiga e autor de um magnífico livro sobre Chiara Luce¹³ (até pela perspetiva sincera e honesta de um não-crente que ele também é) comenta assim (também no *dvd* já citado) aquele momento: “Foi muito provavelmente o momento mais duro da sua vida, das escolhas decisivas e irrevocáveis. Se a sua vida fosse um filme, aquele seria indubitavelmente o momento *clímax*. Ou o seu Getsemani, como escreverão alguns anos depois os teólogos da Comissão”¹⁴.

Pe. António Bacelar

¹² *Ibid.*, pp 54-55

¹³ Franz Coriasco, *Dai tetti in giù – Chiara Luce Badano raccontata dal basso*, Città Nuova, 2010

¹⁴ *Ibid.*, pp. 68-69

PISTAS PARA REFLEXÃO

1. A *entrega* e as *escolhas de vida* que Chiara Luce faz, nascem da certeza da oferta do Amor imenso de Deus por ela, em todas as circunstâncias, mesmo nas mais difíceis: a sua é uma resposta à proposta de Jesus! E a minha? Vivo também eu dessa certeza?
2. Os passos com que tece a sua vida, Chiara alimenta-os com a Palavra, particularmente do Evangelho que não só escuta e lê mas põe em prática, escrevendo e partilhando com os outros as suas *experiências*. E eu: que lugar tem na minha vida a Palavra? Como a vivo? E como partilho com os outros a vida que em mim ela suscita?
3. Para Chiara Luce a Palavra é uma pessoa, tem um rosto: é Jesus sobretudo na sua máxima doação por todos (no Seu Abandono) que ela quer incondicionalmente seguir. É assim também para mim?
4. À luz desse encontro há, na vida de Chiara, uma especial predileção pelos mais pobres e excluídos (de bens e, particularmente, do grande Único Bem – Jesus). Que interpelação é que isso me pode fazer?
É também essa escolha que inspira o modo como Chiara se vai encaminhando vocacionalmente, quer em relação ao seu projeto de vida, em geral, quer também à própria profissão. E o que é mais pesa, como critério, nas minhas escolhas fundamentais?